

Anuário Científico da Faculdade de Medicina do Porto

IV, 2 (1918) :

Notas etnográficas do Norte de Moçambique

1911

AMÉRICO PIRES DE LIMA

Assistente da Faculdade de Ciências do Porto

Tendo passado longos meses no litoral do Niassa, fazendo serviço médico-militar junto das forças expedicionárias, procurei empregar as minhas horas vagas em colhêr o maior número de elementos de estudo da flora, fauna e antropologia daquela região, tão rica como inexplorada. Qualquer destes ramos mereceria bem uma missão especial e exclusivamente destinada a êsse fim.

Mas o pouco que colhi (pouco sobretudo em relação ao que havia a colhêr) irá sendo aproveitado como uma contribuição para o mais completo conhecimento duma das nossas colônias menos conhecidas e mais ricas.

Tirei medidas antropométricas de indígenas de várias raças e isso serve-me de base para um estudo (que tenho em preparação) sôbre a antropologia de Moçambique.

Obtive também vários objectos (!), coligi lendas e costumes que agora me servem de assunto a estas breves notas.

Os desenhos que acompanham este trabalho são do distinto aluno da Faculdade de Medicina, Snr. Pedro Teixeira, a quem deixo aqui expressos os meus agradecimentos.

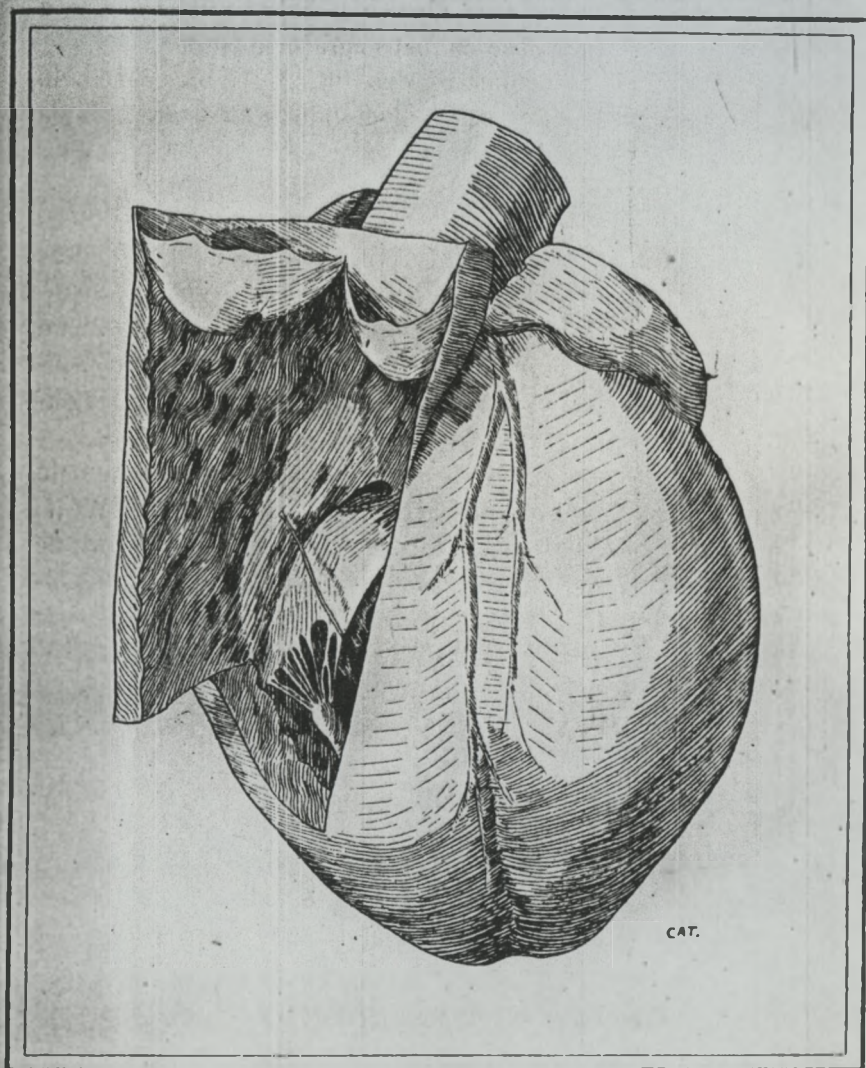
As fotografias, menos as das fig. 7, 12 e 13 são do Snr. Costa Freitas, ajudante do Laboratório de Fotografia da Faculdade de Medicina.

Entre os objectos mais interessantes que adquiri contam-se sem dúvida os *manipansos*, em número de quatro, dois representando indivíduos do sexo masculino e dois do feminino. São esculpidos em madeira — geralmente de embondeiro — pois que esta, sendo extremamente mole, presta-se facilmente a ser trabalhada; mas é também duma grande fragilidade.

Estes manipansos são de origem Maconde, povo dotado de certas faculdades artísticas e industriais, sobretudo agrícolas. Vi armas macondes artisticamente trabalhadas, como lanças de ébano com imbutidos de metal, grandes facas de cabo igualmente ornamentado, etc., embora infelizmente não pudesse adquirir êsses objectos. Fabricam também polvorinhos artísticos; e recorde-me de vêr um chocalho de ébano ornamentado e que tinha por missão avisar o gentio da passagem dum régulo.

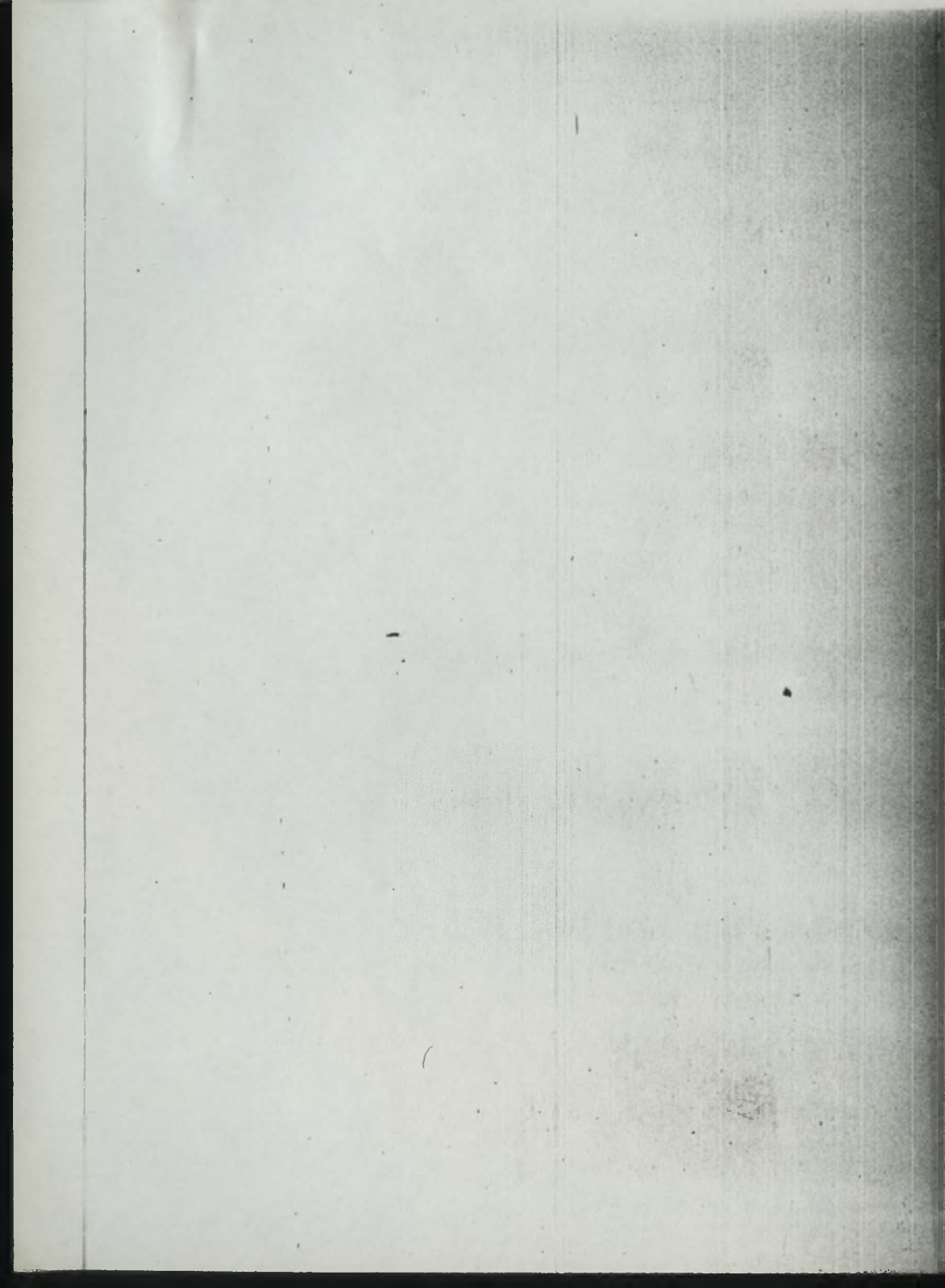
Os manipansos teem duplo valor; pois por um lado podem ser considerados como manifestação de arte e por outro, como são executados com uma preocupação realista, fixam interessantes caracteres etnográficos.

É assim que os manipansos de fig. 1 e 2 nos mostram o lábio superior fortemente prolongado, como é de uso encontrar-se entre as mulheres macondes que usam o *pelele*. Costumam elas abrir uma botoeira no lábio superior, onde metem um disco de madeira — o *pelele*. Vão aumentando o diâmetro dêsse disco e distendendo assim o lábio até este tomar proporções monstruosas. Nos representados nas fig. 2 e 3 nota-se a hérnia umbilical, tão frequente nos negros daquela região e filiada sem dúvida na falta de cuidados apropriados com o cordão umbilical dos recém-nascidos.



CAT.

Coração humano anormal com a artéria pulmonar aberta, bem como o ventrículo direito, a fim de mostrar as duas únicas válvulas sigmoidicas que aquela artéria possui



Já Frei JOÃO DOS SANTOS (1) notou a freqüência daquela lesão entre os negros da costa de Moçambique, dizendo: "Os mais destes cafres são quebrados e alguns deles tão aleijados desta enfermidade que não podem andar.,,

A platirrinia, os lábios grossos e revirados são também representados nestes manipansos.

Os de fig. 3 e 4 são preciosos documentos de tatuagem maconde.

Êles veem mais uma vez corroborar a ideia apresentada pelo malogrado arqueólogo DÉCHELETTE sôbre as tatuagens faciais dos ídolos prêistóricos e que não seriam mais que a reprodução de tatuagens usadas pelos homens dêsse tempo.

Já o dr. JOAQUIM FONTES, (2) fazendo a comparação dos desenhos faciais dos manipansos de Angola com os dos ídolos prêistóricos, foi de opinião que essa comparação vinha confirmar a hipótese de DÉCHELETTE, elaborada apenas sôbre dados arqueológicos. Os meus manipansos de Moçambique veem trazer mais uma prova em apoio da mesma opinião.

Segundo o Dr. FONTES, as incisões nos manipansos são geralmente verticais, ao passo que nos ídolos prêistóricos são horizontais. No meu manipanso de fig. 4, as tatuagens são representadas por incisões pouco profundas, verticais e paralelas.

Ha uma fila na frente, mais ou menos paralela à raiz dos cabelos, tres filas paralelas para fóra dos ângulos externos dos olhos e outra para fóra das commissuras labiais. O de fig. 3 apresenta um tipo mais complicado de tatuagens *em relevo*. Estas são formadas, no vivo, por cicatrizes exuberantes, verdadeiros que- loides intencionalmente provocados.

É o tipo que se encontra com grandíssima freqüência também nos Macuas, povo mais ou menos aparentado com os Macondes.

Neste manipanso as tatuagens na parte média da frente constam de três linhas quebradas sobrepostas. Entre os ângu-

(1) Frei JOÃO DOS SANTOS — Ethiopia Oriental — Liv. II, cap. I.

(2) JOAQUIM FONTES — Sôbre a tatuagem facial em ídolos prehistóricos e gentiços. *Archivo de Anatomia e Anthropologia* — Vol. III, p. 61.

los externos-dos olhos e as orelhas, apresenta dois traços de tatuagem em relevo, horizontais, paralelos e flanqueados por duas linhas angulares, paralelas e de abertura anterior.

Apresenta além disso mais uma curiosa tatuagem que consta duma linha curva saliente, a cavalo na raiz do nariz e cujos dois ramos contornam inferiormente a saliência malar, indo terminar próximo do lóbulo da orelha.

Os sulcos que se notam nas arcadas supraciliares, lábio superior e mento julgo que intentam representar respectivamente as sobrancelhas, o bigode e a pera.

Seguem algumas outras características dos manipansos.

Fig. 1 — É esculpido em madeira de embondeiro e mede 0,525 de altura. Tem o lábio superior prolongado. É interessante a defeituosa conformação das omoplatas, dirigidas quasi ântero-posteriormente.

O diâmetro ântero-posterior do torax é muito exagerado. Nos pés não ha esbôço de dedos. Na mão esquerda ha cinco dedos esboçados, ao passo que, na direita, só ha quatro. É pintado de castanho escuro.

Fig. 2 — É esculpido em madeira mais dura e compacta que a de embondeiro e mede de altura 0,285. Apresenta uma coloração mais ou menos rosada, obtida por meio dum banho de argila. Tem os dedos esboçados nos quatro membros. É do sexo feminino e tem *pelele* no lábio superior; apresenta também um esbôço de vulva.

Êste manipanso adquiri-o em Mocímboa da Praia na ocasião em que se apresentava às nossas autoridades um régulo maconde. Era propriedade dêsse régulo é o respectivo *secretário* é que o trazia a tiracolô por meio dum cordel. Todos os restantes, comprei-os directamente ao escultor.

Fig. 3 — É do sexo masculino e apresenta-se curiosamente tatuado. É esculpido em madeira de embondeiro e pintado de castanho escuro, medindo de altura 0,44. Tem esbôço de dedos nos quatro membros.

O relêvo que representa o cabelo é caprichosamente contornado, como tão frequentemente se vê nos negros de Moçambique. Ora trazem o cabelo rapado à navalha, completa-

mente, ora rapam apenas a metade direita ou esquerda da cabeça. Outras vezes cortam-no em curvas extravagantes.

O manipanso apresenta um cordel ao pescoço à maneira de colar.

Tem os seios bastante desenvolvidos, como é vulgar encontrar-se nos negros, mesmo em proporções que se avizinham da ginècomastia.

Fig. 4 — Êste manipanso é curioso pela atitude da cabeça, na posição de quem olha por cima do ombro. Tem de altura 0,™545. A face é consideravelmente assimétrica. As omoplatas são mal conformadas como no n.º 1; tem igualmente o diâmetro ântero-posterior do torax muito exagerado.

Fui informado que os Macondes também esculpem *caricaturas* de brancos e figuras de animais, mas não pude obter nenhum exemplar.

OBJECTOS DE USO DOMÉSTICO

Desta classe adquiri dois objectos que vão representados nas fig. 5 e 6.



Fig. 5

A fig. 5 representa uma *catá* ou instrumento para colher água.

Sendô o terreno do Niassa litoral, em regra, arenoso à su-

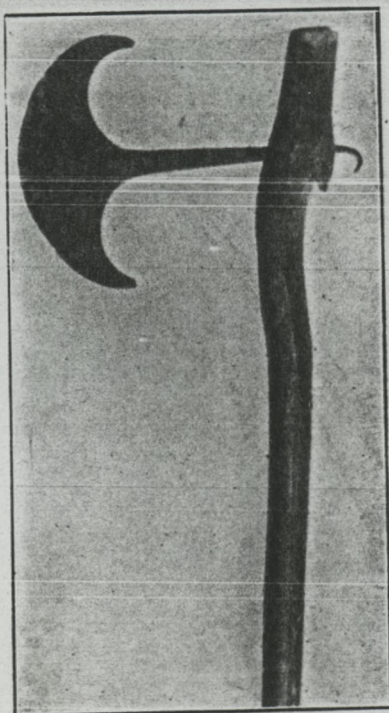


Fig. 8

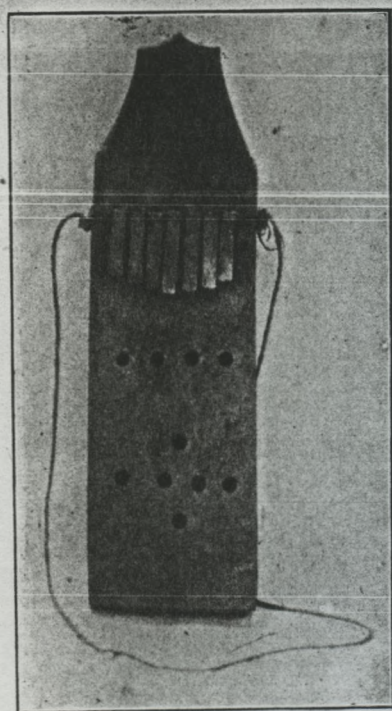


Fig. 11

O resto do grão que ficou mal pisado fica no fundo da peneira e volta a ser triturado no pilão.

A fig. 7 representa um grupo de pretas de Quionga procedendo a êsses serviços.

A farinha é depois cozida em água, de modo a fazer umas

papas mais ou menos consistentes. Dessas papas fazem umas pequenas bolas que comem com a mão.

A mão é sempre a mesma — a direita; lavam-na antes de comer e evitam tocar com ela objectos considerados menos limpos.

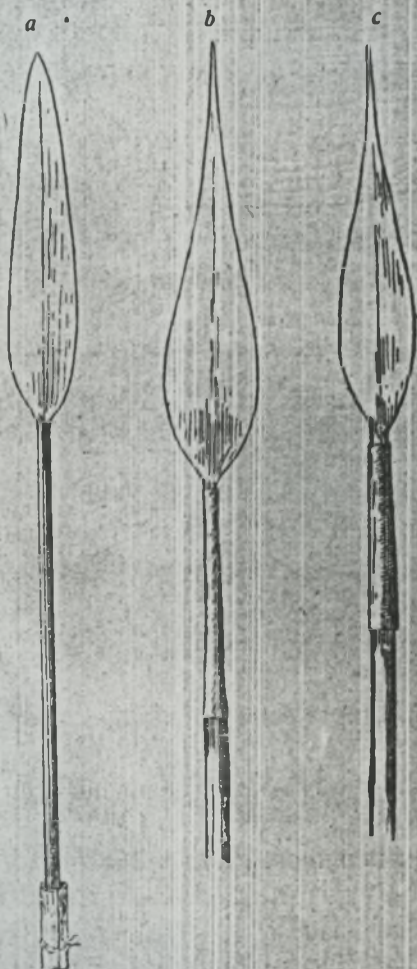


Fig. 9

A azagaia é dum uso generalizado e serve sobretudo como arma de arremesso.

ARMAS

De proveniência maco, obtive a *iba* que vae representada na fig. 8. Não tem pretensões artisticas, mas é interessante pelo feiço do ferço.

As suas dimensões são as seguintes:

Comprimento do cabo 0,69

„ „ ferro 0,18

A *iba* serve tanto como arma como para cortar lenha.

Obtive também tres azagaias, porém dos modêlos mais modestos.

Na fig. 9 vão representados os respectivos ferros.

a) — tem de comprimento total 1,^m21, para o qual contribue o cabo com 0,^m68. Êste é de bambu e o ferro é inserido como mostra a figura.

O cabo é consolidado por meio dum cordel apertado.

b) — tem de ferro 0,^m318 e comprimento total 1,^m292.

O cabo é de madeira e embainhado no ferro.

c) — tem de comprimento total 1,^m382 e de ferro 0,^m277.

O cabo é de madeira e ornamentado na base com uma série de entalhes horizontais.

Adquiri também um arco com tres flexas.

O arco é de madeira e tem de altura 1,^m390. A corda é uma tira de couro retorcida.

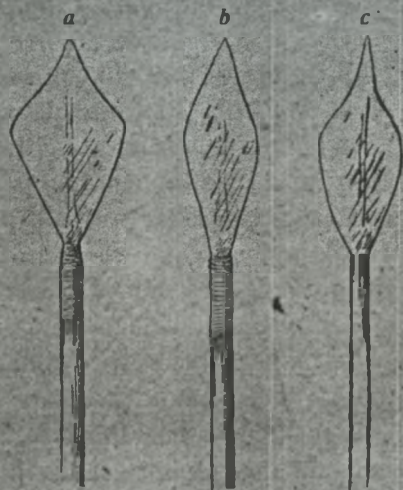


Fig. 10

As pontas das flexas são representadas na fig. 10.

a) — tem de comprimento total 0,^m948 e de ferro 0,^m084.

b) — tem respectivamente 0,^m962 e 0,^m085.

c) — 0,^m976 e 0,^m080.

Nenhuma delas, como se vê na figura, tem forma própria-mente sagitada.

Todas têm na base quatro penas de ave em dois planos perpendiculares, para favorecer a direcção da flexa e um entalhe para apoiar na corda.

INSTRUMENTOS MÚSICOS

São muito variados e numerosos os instrumentos musicos usados pelos indígenas. Um dos mais aperfeiçoados é a *ringa*, usada pelos Macuas e pelos Macondes e de que consegui obter

um exemplar que vai representado na fig. 11. Consta de sete lâminas de aço, angulares, que vibram sôbre um resoador. Êste é uma caixa de madeira inteiriça, à excepção do tampo inferior que é pregado. As lâminas constituem uma dupla escala incompleta. Além das aberturas que se vêem na gravura, a caixa tem mais três no tampo, igualmente circulares.

O instrumento tem de comprimento total 0^m,29.

O resoador, de secção rectangular, tem de comprimento 0^m,20, largura 0^m,088 e de altura 0^m,043.

Os músicos indígenas deitam ao pescoço o cordel que se vê na figura, encostam a si a *ringa* e fazem vibrar as lâminas com os polegares, obtendo um som que não é de todo desagradavel, para música de preto.

Ha um instrumento muito semelhante a êste, mas que tem como resoador uma cabaça.

O número de lâminas é variavel.

Ê muito característico também o instrumento usado nos batuques e que é muito comparável ao nosso tambor — a *gôma*.

Consta dum cilindro ôco, cavado num tronco de árvore, tendo um dos tópos fechado por uma pele de cabra tensa e atada com uma corda. O outro tópo é falhado de modo a constituir tres pés. Assemelha-se assim bastante a um banco tóscico.

Os indígenas deitam a *gôma* no solo, sentam-se sôbre ela e percutem com os dedos a pele de cabra, obtendo um som profundo e um tanto lúgubre que se houve a vários quilómetros de distância.

Nas noites de lua nova ouve-se o som da *gôma* quási toda a noite, pois os batuques são interminaveis. Ao som da *gôma* os indígenas cantam e executam várias danças, em que os dizeres e os tregeitos obscenos são os motivos predilectos.

VESTUÁRIO

O vestuário mais corrente para os homens é um simples rectângulo de algodão de várias côres que enrolam à volta dos quadris e lhes chega pouco mais ou menos ao joelho. O tronco em regra anda nu, mas alguns usam camisola de algodão.

Os indígenas mais civilizados que professam como religião um islamismo mitigado e que por isso se intitulam *mònhés*, trazem de preferência cabaia, ou camisa até aos pés (sobre a qual vestem muitas vezes um colête) e, na cabeça, còfió ou turbante. Pelo contrário, alguns mais miseráveis usam, como todo o vestuário, um cordel à volta da cintura, o qual segura adiante e atrás uma tira de pano apenas suficiente para ocultar os órgãos genitais.

As mulheres usam, em regra, um grande pano enrolado à volta do tronco e atado sobre os seios e abaixo das axilas. A fig. 7 documenta bem essa maneira de vestir. Algumas mais abastadas do litoral, ou subsidiadas por europeus ou indianos, usam panos ricos, inclusivamente de sêda, e trazem uma camisola curta.

No interior porém, quer por miséria, quer por já não chegar o tráfico comercial, cobrem os indígenas parcialmente a sua nudez com peças forradas de casca de árvores. As fig. 12 e 13 são curiosíssimos documentos dessa maneira de trajar, os quais devo à amabilidade e talento fotográfico do meu colega Dr. SALAZAR CARREIRA. Representam Macondes do território alemão de Manhamba, fugitivos para a nossa colónia e acolhidos a Pundandar. A fig. 12, na mulher do centro, apresenta-nos um belo exemplar de lábio superior distendido pelo *pelele*.

DIVERSOS

Um dos interessantes objectos de origem maconde que obtive é o *quissumbo* que vai representado na fig. 14. Este

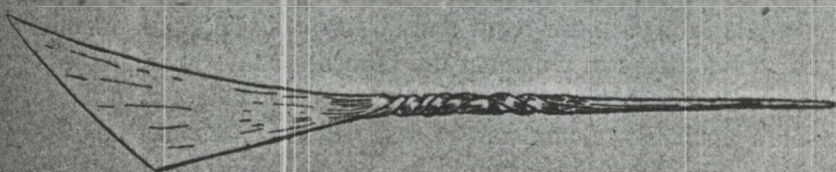


Fig. 14

pequeno instrumento que, de passagem, atesta a habilidade metalúrgica dos Macondes, a que já tenho feito alusão, de-